

## **Representações Identitárias nos Documentários Mato-grossenses<sup>1</sup>**

Elaine Cristine Ozorio de ANDRADE<sup>2</sup>

Celso Francisco GAYOSO<sup>3</sup>

Universidade de Cuiabá, Cuiabá, MT

### **RESUMO**

Este trabalho propõe uma análise do modo com 3 (três) documentários produzidos em Mato Grosso representam distintos grupos sociais, relacionando cada um destes grupos com um modo de percepção sob a perspectiva da construção identitária de cada um dos grupos: mulheres negras, indígenas e grupos regionais. Para tanto, valemo-nos dos estudos acerca da construção de identidade cultural de Stuart Hall, bem como a contribuição de Serge Gruzinski e Anthony Giddens.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade cultural, documentários, representação.

A construção imaginária de determinado espaço geográfico perpassa pela construção identitária dos indivíduos que habitam este espaço, o modo que eles representam e são representados, torna-se a via de visibilidade que eles terão. A produção audiovisual de certo modo, auxilia no processo de representação identitária de alguns grupos étnicos e sub-grupos urbanos. Deste modo, para este trabalho, a análise é feita com base em 3 (três) documentários produzidos em território mato-grossense acerca da representação identitária da mulher negra, de índios e de representantes regionais da cultura mato-grossense.

Segundo o Dicionário de Direitos Humanos da Escola Superior do Ministério Público da União, a identidade cultural “é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros” (OLIVEIRA, 2006). Entretanto, esse conceito advém da recente estruturação da sociedade através da globalização.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP de Audiovisual do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo da FACS/UNIC, email: elaine\_coa@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutorando do Curso de Comunicação e Cultura da ECO/UFRJ, email: celsogayoso@terra.com.br

Para Stuart Hall (2006), o processo da globalização está profundamente enraizado na sociedade moderna. Mas foi a partir dos anos 1970, que o ritmo da integração acelerou. Com esse enlace global entre sociedades distintas, a consequência paira sobre o que é a identidade cultural e se existe alguma identidade nacional. Hall esclarece que com a globalização, a identidade nacional está aos poucos se desintegrando devido ao processo de “homogeneização cultural e do pós-moderno global”. A noção de união através do Estado-nação, ou de sociedade unificada por viver dentro da mesma fronteira, está se deslocando e dando origem às identidades híbridas. Além disso, há um fortalecimento do local. Existe na sociedade um sentimento de que identidades minoritárias, étnicas e puras precisam ser preservadas. “As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes” (HALL, 2006).

Contudo, com os constantes “bombardeios” de culturas externas, está cada vez mais difícil manter uma identidade intacta. Principalmente em nações “dominantes”, como os Estados Unidos. O supermercado cultural criado pelo sonho americano não é exclusividade desse país. No Brasil, também há essa mistura de raças e crenças. Para Hall, essa mistura faz com que seja ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça, até porque não existe uma raça superior à outra. Ou nas palavras de Hall “contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica” (2006). Sendo assim, a noção biológica sobre raça está sendo substituída por definições culturais. A raça se tornou uma “categoria discursiva” e a partir disso, desempenha atualmente “um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional” (HALL, 2006).

Os grupos étnicos se agrupam na periferia da sociedade e devido às consequências geradas pelo processo da globalização essa periferia torna-se “imediate e intensa”. Entretanto, é correto afirmar que essas identidades são inteiramente puras? Hall acredita que não:

A idéia de que esses lugares “fechados”- etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre “alteridade”: uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas

como “puros” e de seus lugares exóticos apenas como “intocados”. (HALL, 2006:80)

### **Sentinelas do Tempo – Mulheres Quilombolas**

A comunidade rural do Complexo Quilombo de Mata Cavalo pertence ao município de Nossa Senhora do Livramento, a cerca de 50 Km da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá. Em 2007, o Diário Oficial da União publicou o reconhecimento da área como remanescente de quilombo. Hoje, vivem aproximadamente 418 famílias quilombolas em uma área de 14.690 hectares. Todavia, na época da realização de *Sentinelas do Tempo – mulheres quilombolas*, em 2004, a região não era legalizada e os habitantes viviam eternos conflitos com a polícia e fazendeiros da região.

Contudo, os realizadores do documentário Sérgio Brito, Paulo Traven, Leonardo Sant’Anna e Emanuel Santana propuseram um outro debate acerca daquela área: as mulheres. Com Brito na direção, o documentário dura cerca de 23 minutos. Durante esse tempo é possível identificar nas 16 mulheres representantes dos quilombolas, discursos que demonstram tanto orgulho como indignação a respeito da condição negra. A maioria das mulheres repete o mesmo discurso de que a terra é importante porque elas nasceram lá, se criaram lá e assim é desde seus bisavós.

As mulheres entrevistadas parecem não se intimidar com a câmera e nem com as perguntas. Na verdade, demonstram já saber a importância de seus depoimentos perante a sociedade. Elas reforçam a todo instante que querem a terra para plantar e sobreviver no mesmo local em que suas famílias vivem desde a época de seus antepassados. *Sentinelas do Tempo* divide-se em dois momentos. No primeiro, são as respostas para a pergunta “O que a senhora acha de ser um remanescente quilombola?”. No segundo entra a questão do que é ser mulher e viver em um quilombo.

Para Hall, o pós-modernismo tem profunda adoração pelo diferente. As diferenças sexuais, raciais, culturais e étnicas exercem profunda fascinação. Por parte dos documentaristas, não só os de *Sentinelas do Tempo*, há uma vontade concreta de registrar as mais diversas comunidades, como se o primitivismo capturado pelo antropocentrismo do início do cinema ainda persistisse.

O Ocidente ainda vê o negro e a cultura negra como um espaço a ser explorado. Ou como disse Hooks, não basta saber o que o sujeito negro faz, é preciso conhecer também suas políticas culturais (Hooks apud Hall, 2003). Aliás, Hall explica que o momento vivido hoje acaba por confundir a situação do negro na sociedade.

O momento essencializante é fraco porque naturaliza e deshistoriciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir. Além disso, como sempre acontece quando naturalizamos categorias históricas (pensem em gênero e sexualidade), fixamos esse significante fora da história, da mudança e da intervenção políticas. E uma vez que ele é fixado, somos tentados a usar “negro” como algo suficiente em si mesmo, para garantir o caráter progressista da política pela qual lutamos sob essa bandeira – como se não tivéssemos nenhuma outra política para discutir, exceto a de que algo é negro ou não é. (HALL, 2003:326-7)

Hall ainda complementa que a tensão deve se dirigir integralmente para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra. De certa forma, foi o que se buscou fazer em *Sentinelas do Tempo*, já que os realizadores abordaram as mulheres quilombolas. Contudo, as próprias remanescentes tinham consciência do seu papel e das possíveis conseqüências de suas palavras. Por se tratar de uma região de litígio há tanto tempo, os moradores de Mata Cavalos perceberam que quanto mais conseguissem dar voz a sua luta, mais forças obteriam para legalizar as terras. Talvez, seja até por esse motivo que os discursos foram tão semelhantes. Todas sentiam orgulho de sua condição e todas faziam questão de deixar claro que queriam a terra para plantar e continuar a vida no mesmo lugar em que seus bisavós viveram.

Hall discute a questão da tradição como manutenção da identidade. Em uma comunidade “há a ênfase nas *origens*, na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade*. (...) Esta lá desde o nascimento, unificado e contínuo, ‘imutável’ ao longo de todas as mudanças, eterno” (HALL, 2006). As mulheres quilombolas querem preservar o que a modernidade tentou destruir: a noção de espaço e tempo. O lugar. Segundo Hall, “de acordo com essas ‘metanarrativas’ da modernidade, os apegos irracionais ao local e ao particular, à tradição e às raízes, aos mitos nacionais e às ‘comunidades imaginadas’, seriam gradualmente substituídos por identidades mais

racionais e universalistas” (HALL, 2006). Contudo, o processo da globalização não anulou pequenas comunidades étnicas e demais identidades culturais.

O “ressurgimento da etnia”... traz para a linha de frente o florescimento não-antecipado de lealdades étnicas no interior das minorias nacionais. Da mesma forma, ele coloca em questão aquilo que parece ser a causa profunda do fenômeno: a crescente separação entre o pertencimento ao corpo político e o pertencimento étnico (ou mais geralmente, a conformidade cultural) que elimina grande parte da atração original do programa de assimilação cultural... A etnia tem-se tornado uma das muitas categorias, símbolos ou totens, em torno dos quais comunidades flexíveis e livres de sanção são formadas e em relação às quais identidades individuais são construídas e afirmadas. Existe agora, portanto, um número muito menos daquelas forças centrífugas que uma vez enfraqueceram a integridade étnica. Há, em vez disso, uma poderosa demanda por uma distintividade étnica pronunciada (embora simbólica) e não por uma distintividade étnica institucionalizada. (HALL, 2006:96)

### **Em trânsito**

A tribo dos índios Manoki, ou Irantxe, são originários da região central de Mato-Grosso, entre os municípios de Campo Novo do Parecis e Brasnorte. No documentário A história desses índios não é narrada apenas pelas lutas por terras entre eles e os fazendeiros. Tampouco discute apenas a influência da colonização branca e cristã. A situação dos Manoki envolve ambas as questões, além do distanciamento do território original.

O documentário *Em Trânsito*, de Elton Rivas, propõe a retomada histórica dos Manoki, ao mesmo tempo em que conta como foi a perda de identidade dessa tribo. Além dos próprios Manoki, o documentário possui também a participação de um indigenista e um padre jesuíta, que vão, de certa forma, afirmando o que os índios relatam. O documentário está dividido em três grandes momentos. Primeiramente, conta-se a história do povo até a ida para Utiariti, a missão jesuíta (onde índios de diversas tribos conviviam em um mesmo espaço). Depois, relata-se a retomada da identidade cultural dos Manoki, a tentativa do próprio povo de preservar a língua e os costumes. E por último, mostra-se a vontade do povo de voltar para a terra antiga, a reserva original.

No final dos anos 1960, um padre antropólogo, Adalberto Pereira, propôs que os índios voltassem a suas terras de origem. A mudança de orientação dos jesuítas, fez com que todos os índios que viviam em Utiariti tentassem uma volta para casa. Os Manoki

não conseguiram. Hoje eles vivem em uma área de Cerrado que fica aproximadamente a 60 Km de Utiariti. Porém, apesar da influência da cultura branca, os Manoki dizem querer preservar as tradições e os costumes. Tanto os jovens quanto os velhos afirmam ser importante conhecer a história e a língua de seu povo.

Já dizia Claude Lévi-Strauss “entre duas culturas, entre duas espécies vivas tão vizinhas quanto se queira imaginar, há sempre uma distância diferencial e, [...] essa distancia diferencial não pode ser superada” (LÉVI-STRAUS apud GRUZINSKI, 2001). Provavelmente os jesuítas não tinham conhecimento disso – e se tinham não se interessavam -, ou nunca teriam feito o que Padre Adalberto Pereira precisou desfazer. Com boas intenções, ou não, ao misturar várias tribos em um único lugar, os jesuítas contribuíram para a dizimação das identidades ali confundidas. Padre Adalberto tentou minimizar o erro, mas o momento histórico já era outro e fazendeiros chegavam a todo instante em Mato Grosso devido a expansão para o Centro-Oeste apoiada pelo governo federal. Atualmente, os Manoki (e talvez não sejam os únicos) tentam reconstruir sua identidade em um lugar que não os é familiar.

*Em Trânsito* faz um profundo resgate histórico da tribo Manoki para explicar o por quê da situação vivida hoje. Do ponto de vista ocidental, os indígenas sempre foram pautas para escritores, poetas e cineastas que “não pararam de explorar esses clichês para transformá-los em sonhos destinados a um público cada vez mais ávido de mundos primitivos e perenidade” (GRUZINSKI, 2001).

O exotismo, já posto anteriormente por Hall, exerce grande poder de imaginação. Gruzinski concorda, “O exotismo não é apenas um fornecedor de clichês. Na melhor das hipóteses (ou seja, quando as terras e os nativos escapam por milagre à colonização, à exploração ou à evangelização) é a maneira pela qual o ocidente costuma, por toda parte, imprimir sua marca” (GRUZINSKI, 2001).

Do ponto de vista dos indígenas, Hall explicaria que os Manoki buscam uma identificação e não uma identidade.

Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (HALL, 2006:39)

Hall complementa explicando que a língua não é apenas um instrumento de fala. Na verdade, a língua é cheia de significados já embutidos em nossos sistemas culturais. O fato de os Manoki adorarem a língua nativa e tentarem ensiná-la aos mais jovens é por que, no imaginário deles, a cultura Manoki está morta sem o idioma.

### **Resgate – Quem está no centro da América do Sul?**

Partindo da idéia de que Cuiabá está no centro geodésico da América do Sul, o diretor do documentário Luiz Marchetti e a roteirista Wanda Marchetti procuraram estabelecer quem fez história (ou seria fez a história?) na capital mato-grossense. Contudo, uma história da elite social cuiabana, de atores sociais provenientes de famílias que possuem um sobrenome conhecido entre a cuiabania ainda hoje. Com 53 minutos, *Resgate* conta a história de 19 pessoas que de alguma forma fizeram parte do círculo social da cidade do início até metade do século XX.

Por volta dos 34 minutos há uma cena, dentro de um ônibus, em que o cobrador pergunta aos passageiros se eles conhecem alguns personagens citados no documentário. Ao mesmo tempo em que faz uma relação entre os atores sociais, a interpretação da fala do cobrador é cheia de indignação devido à ignorância dos passageiros por não conhecerem quem “fez a história” de Cuiabá.

Escuta, você conhece Dona Carmen Kalix Bussiki? Não conhece? Agora, claro que você não conhece! Pois não é! É Dona Nasla Bussiki. Prima do senhor Alfredo Scaff, marido de Dona Lucinda, que é prima-irmã de Dona Maria de Bastos Jorge, que foi quase vizinha muito tempo de Zélito Bouret, que é primo de Capitão Titi, que vem a ser avô de Sonia Gama Laurindo, que comprou demais, muito tempo, na loja de Névio Lotufo, que vem a ser, no caso, tio de Dona Ritinha Pereira da Silva. Não conhece? (RESGATE, 35 min)

Durante todo o documentário há a mistura de ficção e realidade, atores sociais e profissionais, imagens reais e computação gráfica. No início de *Resgate*, a apresentação do tema a ser tratado já não é convencional. Enquanto em voz-over a narradora define memória e a relação passado/presente, as imagens mostram árvores em chamas. O crepitar também faz parte dessa construção. Da mesma forma em que a floresta é destruída pelo fogo, estaria a cuiabania desaparecendo?



Na continuação da narração ainda há frases que afirmam que “o esquecimento coletivo provocando o estraçalhar da vida” (02min 25seg), significando que a população atual de Cuiabá oculta membros da sociedade do século XX, ou nas palavras da narradora os “construtores do espaço urbano”. Mais do que resgatar, o documentário *Resgate – Quem está no centro da América do Sul?* trabalha a memória de seus atores sociais. Busca no interior dos sentimentos e da história de cada um, relatos que unidos tentam construir o propósito do roteiro: a identidade cuiabana.

A proposta de reintegrar o sujeito cuiabano ocultado pelas transformações da sociedade vem ao encontro dos pensamentos de Stuart Hall sobre o deslocamento ou descentralização do sujeito. Ele propõe que uma “mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX” (2006). De acordo com Hall, há uma “fragmentação” nas passagens culturais de classe, gênero, etnia, raça, etc., “que no passado tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (2006).

A fragmentação ou a “perda de si” acabam por constituir uma crise de identidade. Para o crítico cultural Kobena Mercer, citado na obra de Hall, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER apud HALL, 2006).

E é essa crise na identidade cuiabana que *Resgate* pretende anular, mostrando quais os personagens da história da capital os espectadores precisam conhecer e auxiliar na preservação da memória. Mas parece existir no ser humano uma necessidade de preservar o passado, ou como argumenta Giddens:

nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (GIDDENS apud HALL, 2006:14-5)

Há elementos nos estudos de Hall sobre culturas nacionais como comunidades imaginadas que pode se vincular aos estudos de culturas locais, como é o caso. Dona Rita Pereira da Silva incorporou o discurso da cuiabania, todavia, a identidade cuiabana não faz parte de sua carga genética. “Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como



se fossem parte de nossa natureza essencial” (HALL, 2006). Um imigrante que vive em Cuiabá pode se sentir tão ou mais cuiabano do que Dona Rita.

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2006:38)

Outro elemento dos estudos de identidade nacional que pode se voltar ao local é o engrandecimento do passado. “As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”, são tentadas a restaurar as identidades passadas” (HALL, 2006). Em *Resgate*, é possível perceber essa exaltação do passado, como se o presente e os personagens da cidade de Cuiabá hoje não estivessem contribuindo para a construção da história. Aliás, o desejo de retomar o “tempo perdido” é bastante visível no início do documentário quando a narradora comenta sobre a ocultação do outro, o esquecimento do outro e chamando quem “encobre o outro” de “assassino da emoção e da história” (03m 20s), sendo o outro os atores sociais aclamados em *Resgate*.

Sendo assim, a cultura nacional, no caso a local através da cuiabania, nada mais é do que um discurso, “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006). Ao produzir – e reproduzir - esse sentido de nação, constrói-se a identidade.

## **Conclusão**

Stuart Hall estava certo quando afirmou que “A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica”. Mas, se há um discurso previamente elaborado para convencer que uma raça existe, a discussão não deve se apoiar apenas nessa premissa, ela deve ir além. Na discussão sobre raça como categoria discursiva existem dois fatores que devem ser levados em consideração.

O primeiro deles é a adoração pelo exótico, característica que acompanha o cinema praticamente desde seu nascimento. O que muda atualmente é a forma de

representar os “povos distintos”. Ao invés de apenas registrar o dia-a-dia dos índios, como fez Flaherty com os esquimós em *Nanook*, Elton Rivas deu voz a alguns dos Manoki. O mesmo fez Sérgio Brito em *Sentinelas do Tempo. Resgate* não se exclui dessa caracterização. Com a forte migração, Cuiabá encheu-se de “filhos de outros estados” e a elite cultural acabou ofuscada.

O segundo fator está relacionado à exclusão social e aos grupos minoritários. Pode-se dizer que nos documentários analisados, a representação do exótico une-se a grupos étnicos com pouco poder de persuasão e pouca representatividade perante a sociedade. Ao mesmo tempo em que capturam cenas de um cotidiano não comum ao indivíduo pós-moderno, os documentaristas dão voz a causas muitas vezes desconhecidas ou pouco abordadas na mídia tradicional.

A cultura já estabelecida de acreditar fielmente na imagem gera uma credibilidade maior para os documentários, como se o que eles representam fosse a verdade absoluta, sem ter base em algum critério de construção estética ou narrativa. Quando se mostra as mulheres negras, os indígenas ou a cuiabania, são excluídos fatos que possam ir contra a construção das identidades.

Em dois dos documentários analisados, os atores sociais querem conquistar oficialmente um pedaço de terra que já foi indubitavelmente seu. A partir dessa “busca pela legalização”, os documentaristas criaram enredos diferentes para temas semelhantes. Mas o que ambos fizeram foi ressaltar a importância do lugar para a caracterização de uma etnia. Já o fato de ter nascido em Cuiabá no início do século XX cria um imaginário de importância para algumas pessoas e torna alguns personagens pontos de referência na história da cidade. Nesse ponto comum entre os três documentários, percebe-se a necessidade do local de origem para a representação de uma identidade bem definida. Fora dali, os indivíduos não se sentem completos.

E finalmente, *Em Trânsito* e *Sentinelas do Tempo* são patrocinados pelo Conselho Estadual de Cultura através da lei de Fomento a Cultura. Enquanto *Resgate* é apoiado pelo DOC TV e TV Mais (TV Cultura). Mas os três seguem a linha de produção abordada anteriormente, onde a maioria dos documentários mato-grossenses financiados pela Secretaria de Cultura trata de temas essencialmente regionais.

## REFERÊNCIAS

EM TRÂNSITO. Direção: Elton Rivas. Vídeo Digital (53 minutos), colorido, son., 2006.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2006, 11ª edição.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG. 2003.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. **Identidade Cultural - Dicionário de Direitos Humanos**. Escola Superior do Ministério Público da União. 2006. Disponível em: <<http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>>. Acesso em 01 de setembro de 2008.

RESGATE – quem está no centro da América do Sul. Direção: Luiz Marchetti. Vídeo Digital (53 minutos), colorido, son., 2004.

SENTINELAS DO TEMPO – mulheres quilombolas. Direção: Sérgio Brito. Super 8 (23 minutos), colorido, son., 2004.